

KAREL KOSIK E O MARXISMO NO LESTE EUROPEU:

NOTAS INTRODUTÓRIAS

KAREL KOSIK AND MARXISM IN EASTERN EUROPE:

INTRODUCTORY NOTES

Pedro Leão da Costa Neto¹

RESUMO: Nos anos 1960, a obra de Karel Kosik *Dialética do Concreto* representou uma importante tentativa de superar os estreitos limites da síntese filosófica dominante nos países da Europa Oriental. Hoje, após mais de quarenta anos da experiência da “Primavera de Praga” e vinte anos após a auto-dissolução do socialismo real tanto esta obra, assim como seus escritos tardios são injustamente esquecidos. O objetivo deste artigo é oferecer uma reconstrução da contribuição intelectual deste autor – anti-conformista e crítico por excelência, destacando seus momentos principais e procurando inseri-los no interior dos debates filosóficos e da conjuntura histórica da experiência da transição socialista.

PALAVRAS-CHAVE: Karel Kosik. Marxismo no leste europeu. Transição socialista.

ABSTRACT: Karel Kosik's *Dialectics of the Concrete* represents an important attempt to overcome the narrow limits of the dominant philosophical synthesis in the countries of Eastern Europe, in the 1960s. Today, forty years after the “Prague Spring” experience and twenty years after the self-dissolution of real socialism, his writings are unjustly forgotten. The aim of this paper is to offer a reconstruction of the intellectual contribution of this author - anti-conformist and critic par excellence - highlighting the key moments and trying to place it within the philosophical debates and the historical context of the experience of socialist transition.

KEYWORDS: Karel Kosik. Marxism in Eastern Europe. Socialist transition.

I

Pode-se perguntar hoje, mais de quarenta anos após a derrota da “Primavera de Praga” e mais de vinte anos após a auto-dissolução do socialismo real, qual o sentido de retornarmos ao pensamento de Karel Kosik, intelectual que expressa em grande parte os dilemas dos intelectuais marxistas da Europa Oriental e é autor de um dos livros mais emblemáticos do marxismo destes países nos anos da experiência da transição socialista. Talvez uma primeira resposta a esta questão possamos encontrar nas palavras do marxista italiano Alessandro Mazzone, que se referindo a um outro conjunto de questões, observou:

Tratava-se, enfim, de recomeçar desde longe. (...) E se hoje sobre este terreno estamos mais a frente em certos aspectos, isto também teve um princípio naquelas discussões. Como negar, de resto, que a recuperação de critérios de análises perdidos ou obnubilados, o abandono de esquematismos e cativas abstrações fosse, e seja ainda agora, condições preliminares? (MAZZONE, p. 10-11)

E acrescenta logo adiante:

Aquele “marxismo” que foi, e não é mais, foi em todos os sentidos uma cultura, um universo de sentido, um lugar coletivo de circulação de ideias desde baixo e desde o alto. Reconstruir

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade de Varsóvia. Professor do Curso de História da UTP – Universidade Tuiuti do Paraná.

tal universo de significados, de comportamentos, e antes (porque não?) de modos de sentir, e, portanto, de uma difusa consciência, que se desenvolve e se aprofunda no diversificado agir de milhões de homens – será certo uma longa tarefa, e que parece não existam ainda as condições. (MAZZONE, p. 11)

Portanto, retornar, problematizar e aprofundar a experiência passada, particularmente em seus grandes momentos, representa uma contribuição no esforço voltado a tentar superar as diferentes limitações do presente.

Michel Löwy e Horacio Tarcus expressaram igualmente, na introdução a uma coletânea francesa de escritos de Kosik, a importância e a singularidade do autor tcheco:

Karel Kosik, (...) não foi somente um dos mais importantes filósofos da segunda metade do século XX, mas também um dos que melhor encarnou o espírito de resistência do pensamento crítico. Ele foi também um dos raros de sua geração que combateu, sucessivamente, as três grandes forças de opressão da história moderna: o fascismo, no decorrer dos anos 1940, o regime burocrático staliniano, à partir de 1956, e a ditadura do mercado, depois de 1989. Em uma época onde tantos pensadores abdicaram da sua autonomia para servir os poderosos desse mundo, onde se viraram da realidade histórica para se deixar levar por jogos de linguagem acadêmicos, Kosik aparece como um homem ereto, que recusa a se inclinar, e que não hesita a pensar, contra a corrente, os grandes problemas da época.² (LÖWY e TARCUS, 2003, p. 9)

II

Antes de nos ocuparmos do desenvolvimento da filosofia marxista na Tchecoslováquia, nos anos pós II Guerra Mundial e da trajetória filosófica de nosso autor, faz-se necessário lembrar as condições de constituição da “filosofia marxista-leninista” na URSS, filosofia esta que seria exportada posteriormente para as “democracias populares”.

Com a vitória da Revolução de Outubro de 1917, e em condições extremamente adversas resultantes da I Guerra Mundial, da Guerra Civil e do cerco imperialista, abriu-se frente ao poder soviético uma série de tarefas inéditas, entre as quais, para nos determos apenas em nossa temática, a de organizar a educação e a cultura do novo estado, tarefa esta que seria realizada em uma atmosfera marcada por uma forte oposição – da “velha intelectualidade” russa – às transformações sociais e culturais.³

No campo da filosofia, ao longo da década de 1920, desenvolveu-se na União Soviética uma intenso debate, entre duas distintas correntes – mecanicistas e dialéticos, que disputavam a hegemonia filosófica.⁴ Entre os antecedentes teóricos do debate pode-se destacar a publicação, em 1921, do conhecido e polêmico livro de N. Bukharin, *Tratado de Materialismo Histórico*⁵ – próximo a corrente dos mecanicistas.

² Uma cronologia da vida e uma bibliografia completa dos escritos de Karel Kosik se encontra a disposição em: <http://volny.cz/enelen/kkosik/>.

³ Para estas questões consultar (OCHOCKI, 1984, sub-capítulos: I-3 e I-4, pp. 28-50) dedicados, respectivamente, as tarefas da criação da nova cultura e a luta contra as tendências nihilistas. e (LESZEK, Vol. III, 1988, pp. 826-835).

⁴ Para uma reconstrução detalhada desta polêmica, consultar: (ZAPATA, 1983); (VRANICKI, Vol. 2, 1977). Consultar igualmente, as obras anteriormente citadas: (OCHOCKI, 1984, capítulo II, p. 62-106) e (LESZEK, Vol. III, capítulo II-3, 1988, p. 841-850).

⁵ A edição espanhola reproduz as importantes críticas de Lukács e Gramsci endereçadas ao manual de Bukharin.

Os mecanicistas defendiam que a filosofia era uma forma de metafísica mística e escolástica – se comparada às ciências particulares, ciências estas que possibilitariam a resolução dos diferentes problemas teóricos; a estes se opunham os dialéticos, que afirmavam ser o materialismo dialético uma concepção de mundo integral que englobaria a natureza e a sociedade. Este debate se encerrou em 1929, com o êxito do grupo dialético, que assumiria a direção das principais instituições filosóficas. Entretanto, já em 1930, aparece o artigo “*Sobre as novas tarefas da filosofia marxista-leninista*”, assinado por três jovens filósofos que criticavam tanto os mecanicistas como os dialéticos, condenados como “idealistas mencheviques”. Defendiam o caráter partidário da filosofia e a necessidade de procurar a raiz política e de classe de todo fenômeno ideológico. Com a resolução do CC do PCUS, em janeiro de 1931, esta tendência se tornaria – através de uma decisão político administrativa que marcaria o nascimento oficial da nova síntese filosófica e que encontraria, posteriormente, sua versão canônica no opúsculo de J. Stalin: *Materialismo Dialético e Materialismo Histórico* – a filosofia oficial da URSS. Esta filosofia posteriormente seria implantada, nos diferentes países do leste europeu, através de diferentes métodos burocráticos e coercitivos, e perduraria em traços gerais, como filosofia de partido e estado, até o colapso do Socialismo Real.⁶

III

O marxismo do leste europeu é um fenômeno relativamente complexo, uma vez que, por um lado, engloba países com distintas tradições históricas e, por outro, se refere a um período de aproximadamente 45 anos, diferenciado em seu interior. Procuraremos abaixo apresentar diferentes propostas de classificação e periodização de seu desenvolvimento e, desta maneira, melhor situar a evolução intelectual de Karel Kosik.

Leszek Kołakowski, em seu livro *Glówne Nurty Marksizmu* (Tendências Principais do Marxismo), identifica os seguintes períodos no desenvolvimento do marxismo no leste europeu:

- a) 1945-1949: se caracteriza, no tocante ao pensamento filosófico e social, pela existência de elementos de um pluralismo político e cultural que se expressava na presença de diferentes professores estranhos à tradição marxista nas diferentes instituições universitárias, particularmente importantes na Polônia e na Tchecoslováquia. No decorrer do período este pluralismo se restringirá gradualmente;
- b) 1949-1954: unificação do “campo socialista” nos aspectos políticos e ideológicos e stalinização da cultura. Transformação da “filosofia marxista-leninista” – através de métodos administrativos, tais como o afastamento e a proibição do ensino dos antigos professores – em filosofia oficial.
- c) 1955-1968: surgem, por efeito da desestalinização, diferentes tendências anti-stalinistas e revisionistas,

⁶ Georges Labica observa que apesar da desestalinização, em grande medida, a síntese filosófica “marxista-leninista”, nunca se constituiu em objeto de crítica e permaneceu, portanto, por décadas como síntese filosófica oficial. (LABICA, 1991).

- d) A partir de 1969, período caracterizado pela derrota e expurgo das diferentes correntes críticas, com o afastamento da vida pública ou o exílio de seus principais representantes.⁷ (KOLAKOWSKI, op. cit., p. 923)

Uma segunda proposta de periodização parece ser sugerida pelo filósofo italiano Guido D. Neri. Em seu livro “*Aporie della realizzazione: Filosofia e Ideologia nel socialismo reale*”, Neri aponta uma diferença ligada a uma vivência geracional, distinguindo a geração de György Lukács e Ernst Bloch – que retornaram respectivamente à Hungria e a RDA após o fim da II guerra mundial – e uma segunda geração formada após a guerra, a qual pertenceriam, entre outros, Leszek Kołakowski, na Polônia e Karel Kosik, na Tchecoslováquia.⁸ (NERI, 1980.)

Por fim, podemos destacar a classificação realizada por György Márkus (MÁRKUS, 1974, pp.113-129) em relação às mais significativas correntes existentes no interior do marxismo da Europa Oriental. A primeira corrente – identificada em linhas gerais com a “filosofia marxista-leninista” - é a “tendência extensional”, segundo a qual a “teoria marxista se aplica ao conjunto da realidade, ou seja, à natureza, a sociedade e ao pensamento” (MÁRKUS, 1974, p. 114). Como consequência da desestalinização teriam surgido duas correntes opostas, próximas as existentes na Europa Ocidental”, uma “cientificista”, que privilegia uma reflexão metodológica sobre as ciências naturais (MÁRKUS, 1974, pp. 119-120) e outra, “ideológica-crítica”, que identificaria a filosofia como uma visão do mundo voltada à crítica das ideologias. (MÁRKUS, 1974, pp. 120-121) Márkus identifica ainda a corrente da “ontologia social” – que seria representada por Lukács. (MÁRKUS, 1974, pp. 121-123) É importante destacar aqui que uma preocupação de inúmeros filósofos foi, justamente, a de superar a polaridade entre a corrente “cientificista” e a “antropológica” ou “existencialista”.⁹ (LUKÁCS, 1982, p. 36-176 e KOSIK, 1969).

Podemos afirmar, em linhas gerais, que esta classificação das diferentes corrente teóricas proposta por Márkus é aceita por outros historiadores do pensamento marxista no leste europeu.

IV

Nascido em Praga, em 1926, Karel Kosik ainda quando jovem, em 1943, aproximou-se da resistência comunista contra a ocupação nazista. Preso pela Gestapo em novembro de 1944, permaneceu detido em Terezin até o final da II Guerra Mundial. Realizou seus estudos universitários, primeiramente na Universidade Carlos de Praga (1945-1947), aonde foi aluno do célebre fenomenólogo tcheco Jan Patočka. Posteriormente, como membro promissor da nova geração do Partido Comunista da Tchecoslováquia, continuou seus estudos universitários na União Soviética, nas Universidades de Leningrado e Moscou (1947-1949), durante os anos

⁷ A posição excessivamente crítica e parcial assumida por Kołakowski, leva-o em diferentes passagens a julgamentos simplificadoros, esta posição marcadamente ideológica, choca-se entretanto com a necessidade de uma análise mais equilibrada e aprofundada.

⁸ Poderíamos ainda acrescentar uma outra geração de filósofos que serão formados após a desestalinização e que desenvolverão suas reflexões no interior da universidade.

⁹ É importante destacar aqui o grande esforço crítico desenvolvido por György Lukács e Karel Kosik em superar as limitações, tanto da síntese filosófica oficial, como destas duas correntes opostas, que se aproximavam do existencialismo e o neo-positivismo, então hegemônicos no ocidente.

da grande ofensiva cultural zhdanovista.¹⁰ Em junho de 1950 concluiu em Praga seus exames (*Rigorosum*) em Filosofia e como disciplina secundária Sociologia, defendendo o seu doutorado sob o título *Některé otázky lidové demokracie jako zvláštní formy diktatury proletariátu* (Algumas questões sobre democracia popular como forma particular da ditadura do proletariado).

Na Tchecoslováquia a difusão da filosofia marxista na universidade se deparou com um conjunto de obstáculos, dentre os quais – cabe destacar – a ausência de intelectuais marxistas na Universidade, no período entre as guerras, agravada ainda mais por uma forte tradição intelectual e filosófica estranha ao marxismo. A vida intelectual, nas décadas de 1920 e 1930, era dominada pela importante figura de Thomas Masaryk (presidente da República Tchecoslovaca entre 1918 e 1935), que já no final do século XIX tinha anunciado a “crise do marxismo”.¹¹ (LABRIOLA, 1977, pp. 303-319).

Cabe igualmente lembrar a existência na capital tcheca de duas importantes instituições intelectuais: o *Círculo Lingüístico de Praga*, que reunia representantes do estruturalismo lingüístico (entre os quais Roman Jakobson e Jan Mukarovský) e o *Círculo Filosófico de Praga*, que refletia a forte presença em Praga da fenomenologia husserliana (entre seus membros é importante lembrar Jan Patočka, professor e amigo de Kosik, que desempenharia um importante papel na vida intelectual tcheca nos anos 1960-1970).

Foi nesta conjuntura intelectual que se desenvolveria a ofensiva teórica e política para implantação do marxismo, em sua versão sistematizada na União Soviética, na vida cultural e universitária tchecoslovaca, ofensiva esta acompanhada de uma série de medidas de caráter coercitivos e burocráticos já descritos anteriormente.¹² (ZANARDO, 1974, pp. 363-419) Um conjunto de jovens intelectuais, entre os quais Karel Kosik, se envolveram ativamente neste processo e empenharam-se em defender a “unidade da filosofia com a política”. (NERI, p. 131) Neste ambiente de intensa luta ideológica, Kosik redigiu um artigo crítico contra Masaryk, do qual se distanciaria posteriormente. (LIEHM, 1970, p. 322) Nestes mesmos anos 1950, nosso autor desenvolveu uma série de estudos relacionados à tradição democrática e revolucionária tcheca do século XIX, cujos resultados foram reunidos em uma coletânea de escritos (*Čeští radikální demokraté. Výbor z politických statí z r. 1848—1870. A democracia radical tcheca. Coletânea de escritos políticos dos anos 1848-1870. 1953*) e um livro (*Česká radikální demokracie. Příspěvek k dějinám názorových sporů v české společnosti 19. století. A democracia radical tcheca. Contribuição à história dos conflitos ideológicos na sociedade tcheca do século XIX. 1958*).¹³

¹⁰ Sobre o caráter da ofensiva zhdanovista na cultura em geral, e na filosofia em particular, consultar (ZHDANOV, 1948, pp. 149-157)

¹¹ O livro de Masaryk *Die philosophischen und soziologischen Grundlagen des Marxismus Studien zur sozialen Frage* (1899) foi objeto de uma crítica contundente de Labriola.

¹² Para um balanço do desenvolvimento da filosofia marxista na Tchecoslováquia após a II Guerra Mundial, consultar (ZANARDO, 1974, pp. 363-419)

¹³ Podemos afirmar que estes trabalhos dedicados a tradição democrática e revolucionária tcheca, era parte constitutiva de um projeto, comum a diferentes países da Europa Oriental, que visava o resgate histórico das “tradições progressistas” democráticas e revolucionárias, muitas vezes influenciada pela filosofia clássica alemã e pelo hegelianismo.

V

Após a morte de Stalin e o “degelo de 1956”, Kosik passou a criticar a síntese filosófica oficial “marxista-leninista” então dominante na União Soviética e nos países da Europa Oriental.¹⁴ Foi no interior desta atmosfera de intensa polêmica filosófica, comum a outros países do leste-europeu, que Kosik publicaria uma série de artigos críticos. Em 1963 apareceria a sua obra principal *Dialética do Concreto*,¹⁵ considerada como “provavelmente o trabalho filosófico mais fecundo produzido na Europa Oriental após a guerra”, (AMASON, 1989, p. 213) traduzida para mais de dez línguas estrangeiras e que tornou o seu autor mundialmente reconhecido.

A obra de Kosik representa uma tentativa de estabelecer um diálogo orgânico com a tradição filosófica. Nela estão presentes – além da menção à teóricos de tradição marxista (Lukács, Goldmann, Marcuse, entre outros) e às filosofias do renascimento e clássica alemã (em particular Schelling e Hegel), a fenomenologia contemporânea (em particular Husserl e Heidegger) – uma leitura de Marx, na qual se destaca a utilização, de uma série de referências, até então pouco usuais na bibliografia marxista, como, por exemplo, os *Grundrisse*, a 1ª edição de *O Capital* de 1867 e as *Notas Marginais sobre Wagner*. Por fim, estão igualmente presente as referências à tradição literária universal (Goethe, Brecht e Kafka) e as constantes referências ao pensamento político e literário tcheco dos séculos XIX e XX.

Desde o início de *Dialética do Concreto*, Karel Kosik destaca o objeto da dialética como sendo a “coisa mesma”. Entretanto a “coisa mesma” não é dada imediatamente ao homem: antes, se faz necessário um esforço conceitual para a sua compreensão. Partindo da distinção entre “coisa mesma” e forma fenomênica da realidade, Kosik distingue igualmente a compreensão real da coisa e a falsa consciência. Para nosso autor a compreensão da “coisa mesma”, a distinção entre o mundo fenomênico e sua essência são questões centrais de toda tradição filosófica:

O esforço direto para descobrir a estrutura da coisa e ‘a coisa mesma’ constitui desde tempos imemoriais, e constituirá sempre, tarefa precípua da filosofia. As diversas tendências filosóficas *fundamentais* são apenas modificações desta problemática fundamental e de sua solução em cada etapa evolutiva da humanidade. (KOSIK, 1969, p.13)

É no interior destas mesmas distinções, que Kosik pensa o conceito de práxis, concebido como o mais importante descoberta teórica de Marx, distinguindo os seus dois aspectos: a “*práxis* crítica revolucionária da humanidade” e a “o mundo do tráfico e da manipulação, isto é da *práxis* fetichizada dos homens” (KOSIK, 1969, p.11). Esta distinção, entre os dois aspectos da realidade e da práxis, não deve, entretanto, ser entendida da mesma maneira como o é na filosofia

¹⁴ Para uma análise do gradual distanciamento de Karel Kosik da filosofia oficial consultar o livro já citado de Guido D. Neri. Sobre a trajetória da filosofia marxista no leste europeu, consultar ao lado do livro já citada de Guido Neri, o artigo de (AMASON, 1989, pp. 163-245).

¹⁵ A partir de agora citado como *DK*. A tradução brasileira efetua algumas escolhas terminológicas que podem dificultar ou mesmo induzir a leituras ou interpretações equivocadas do livro; poderíamos enumerar alguns exemplos mais significativos: traduzir o referente tcheco do hegeliano “*die Sache selbst*” por “coisa em si”, introduz uma ressonância kantiana desnecessária ao texto; no capítulo II. 1: *Metafísica da Vida Cotidiana*, dedicado a crítica da filosofia de Heidegger, a tradução não reproduz as distinções conceituais entre *Sorge*, *Besorgen* e *Fürsorgen*. As análises sistemáticas dedicadas a obra de Kosik em português são relativamente escassas, entre elas é importante destacar o artigo crítico (VIANA, 2007).

platônica e no cristianismo – como dois mundos distintos e separados – mas a partir do modelo da *Fenomenologia do Espírito*, de Hegel, e *O Capital*, de Marx:

A odisséia do *espírito* ou da ciência da *experiência da consciência* não constituem o tipo único ou universal – são apenas um dos modos – de “realização” da odisséia. Se a “Fenomenologia do espírito” é a ‘viagem da alma que atravessa a série das suas formas como uma série de etapas’, a fim de que, “com plena experiência de si mesma”, possa alcançar o “conhecimento daquilo que ela é por si mesma”, então “O Capital” se manifesta como “a odisséia” da práxis histórica concreta, a qual passa do seu elementar *produto* de trabalho através de uma série de formas reais, nas quais a atividade prático-espiritual dos homens é objetivada e fixada na produção, e termina a sua peregrinação não com o conhecimento daquilo que ela é por si mesma, mas como a ação prático-*revolucionária* que se *fundamenta* neste conhecimento. (KOSIK, 1969, p.166)

É seguindo esta direção que a obra principal de Marx é pensada, por Kosik, como uma crítica da economia política.¹⁶

É importante ainda destacar outro aspecto particularmente relevante de *Dialética do Concreto*: a sua irredutível crítica a toda tentativa de reduzir os conceitos de totalidade e práxis apenas ao seu momento epistemológico e que esquece a unidade entre ontologia e epistemologia. Referindo-se ao conceito de totalidade observa:

(...) A categoria da totalidade atingiu no século XX uma ampla ressonância e notoriedade, mas ao mesmo tempo se viu continuamente exposta ao perigo de ser entendida unilateralmente ou de se transformar francamente no seu oposto, isto é deixar de ser um conceito *dialético*. O sentido principal das modificações introduzidas durante os últimos decênios no conceito de totalidade foi a redução a uma exigência *metodológica* e a uma regra metodológica na investigação da realidade. Esta degeneração do conceito resultava em duas banalidades: que tudo está em conexão com tudo, e que o todo é mais que as partes. (KOSIK, 1969, p.34)

No mesmo sentido observa acerca de uma das mudanças advindas no conceito de práxis: “tornou-se mera categoria e começou a desempenhar a função de correlato do conhecimento e de conceito fundamental da epistemologia”. (KOSIK, 1969, p.198)¹⁷ Assim devem ser entendidas as observações de Kosik: observações que sublinham as dificuldades, os mal entendidos e a pluralidade de sentidos atribuídos ao conceito de práxis e denunciam os perigos de banalização que o uso acrítico e corrente do conceito poderiam acarretar. (KOSIK, 1969, p.197ss)¹⁸

VI

Após a publicação de *Dialética do Concreto*, Kosik escreve uma série de artigos, muitos deles traduzidos para línguas ocidentais.¹⁹ Neles procura problematizar questões teóricas e

¹⁶ Para a análise de *O Capital*, cf. *DK*, em particular: o Capítulo III: Filosofia e Economia: A Problemática de “O Capital” de Marx. Podemos pensar, neste mesmo sentido, *Dialética do Concreto* como uma tentativa de desenvolver este mesmo programa teórico em novas condições.

¹⁷ É particularmente importante sublinhar a transformação dos conceitos de totalidade e práxis em meros conceitos epistemológicos, pois acreditamos que inúmeras leituras da própria obra de Kosik incorrem no mesmo erro.

¹⁸ Neste mesmo sentido consultar: (KOSIK, 2003, pp. 89-90).

¹⁹ Deste conjunto de escritos foi traduzido no Brasil a importante conferência proferida em 1963 no Instituto Gramsci em um encontro dedicado a moral: Karel Kosik. A dialética da moral e a moral da dialética, em Galvano Della Volpe et al., *Moral e Sociedade* Atas do Convênio promovido pelo Instituto Gramsci, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968. Esta mesma conferência tinha sido publicada no número 15 da Revista Civilização Brasileira de setembro de 1967.

políticas relevantes do período, entre as quais podemos destacar, uma crítica das diferentes filosofias providencialistas da história e a *questão do homem*.²⁰

O ápice político e cultural de todo movimento de crítica aos limites da desestalinização ocorreria em 1968, com a Primavera de Praga. Karel Kosik participou ativamente deste processo. Foi delegado do XIV Congresso extraordinário do Partido Comunista da Tchecoslováquia, realizado em 22 de agosto de 1968, após a intervenção militar do Pacto de Varsóvia, no qual foi eleito membro do Comitê Central. A experiência da Primavera de Praga é objeto de análise de um conjunto de artigos que seriam publicados no semanário *Literarní Listy* e posteriormente reunidos em livro com o título *A Nossa Crise Atual*.²¹ Nestes escritos, o filósofo tcheco, utilizando uma linguagem especulativa, procura investigar o mecanismo de funcionamento do socialismo burocratizado e suas diferentes formas de manifestação, partindo da ideia, que seria retomada e desenvolvida posteriormente, do domínio da tecno-ciência, concebida como o resultado da fusão da ciência moderna e da técnica; estabelecendo um diálogo com diferentes autores – entre os quais, Husserl, de *A Crise das Ciências Europeias*, e Heidegger, de *A Questão da Técnica* – que tentaram pensar a realidade do século XX, no interior de uma concepção que concebia a crise como manifestação do processo constitutivo da modernidade; portanto, segundo Kosik, as raízes da crise da sociedade tchecoslovaca de 1968, eram comuns a uma crise mais profunda que afetava toda a modernidade:

O fundamento comum da ciência e da técnica moderna é certa disposição da realidade, na qual o mundo prática e teoricamente se transforma em objeto. Esta realidade assim disposta pode tornar-se matéria de pesquisa exata e de domínio. A ciência e a técnica representam, portanto, um tipo de abordagem da realidade, na qual o sujeito se assegura que a realidade apresentada é possível de ser investigada e disponível por princípio. O fundamento da ciência e da técnica moderna é o intelecto técnico o qual transforma a realidade (o ser) em um objeto certo, analisável e manipulável. (KOSIK, 1968, p.79)

Nosso autor desenvolve igualmente uma crítica à concepção de “revolução técnico-científica”, muito popular no período, objeto de um livro de um grupo de pesquisadores dirigidos por Radovan Richta, que tentavam resolver os problemas da construção do socialismo no interior de uma “metafísica do desenvolvimento das forças produtivas”.

Em um artigo do mesmo período “A Crise Atual”, que, entretanto, só seria publicado posteriormente, afirma que o processo de transição do capitalismo ao socialismo, então em desenvolvimento, não foi capaz de realizar “a ruptura histórica prometida, mas somente substituíram um sistema por outro, de sorte que a humanidade se encontra privada de uma alternativa real e presa irremediavelmente entre as garras: tudo é mercado ou tudo é manipulação.” (KOSIK, 2003, p. 75)

Após a derrota da experiência da Primavera de Praga, Kosik foi expulso do PCC, afastado do ensino universitário e, por aproximadamente 20 anos, não publicaria nenhum

²⁰ A discussão sobre a relação entre o pensamento de Kosik com as diferentes correntes do chamado “humanismo marxista” mereceria uma análise mais detalhada, devido a importância que esta questão ocupou nos debates marxistas dos anos 1960, entretanto ela ultrapassaria o objetivo do nosso artigo.

²¹ Karel Kosik. *La Nostra Crise Attuale*, Roma: Riuniti, 1969. Em português foi publicado apenas um texto do livro: Karel Kosik, A Crise do Homem Contemporâneo e o Socialismo, em *Revista Civilização Brasileira*, Caderno Especial: n. 3, Tchecoslováquia: Análise dos Aspectos Políticos, Econômicos e Culturais da Crise de Agosto, Rio de Janeiro, setembro, 1968, pp. 311-322.

escrito, com a única exceção de uma carta endereçada ao filósofo francês J. P. Sartre, na qual denunciava o confisco de seus manuscritos filosóficos “*Sobre a Verdade*” e “*Sobre a Prática*”,²² (KOSIK, 2003, pp. 95-98) que seriam posteriormente devolvidos. Durante estas duas décadas, Kosik se dedicaria exclusivamente à reflexão filosófica e à redação de um grande manuscrito, permanecido inédito, dedicado à análise do funcionamento da sociedade moderna.²³

VII

Kosik retomou sua atividade publicística, em uma série de ensaios escritos após a queda das sociedades do socialismo real²⁴ e nos quais analisa as diversas formas fenomênicas do “mundo na época da globalização”, inserindo-as no interior do movimento geral do domínio universal, resultante da simbiose entre ciência, técnica e economia (KOSIK, 2003, pp.220-221) – análises estas que expressam os resultado de suas longas investigações anteriores sobre o “Supercapital”.

Como exemplos destas formas fenomênicas – imagens e figuras representativas de nosso tempo -- podemos enumerar: imagem da caverna e da abertura, retirada de Platão e modificada por Aristóteles na qual o Estagirita, se refere com temor a imagem, dos homens vivendo sob a terra como toupeiras, em habitações com todo conforto; (KOSIK, 2003, p.186) a Grete Samsa de Kafka, encarnação da anti-Antígona dos tempos modernos, que enxerga em seu irmão metamorfoseado em um grande inseto, apenas um lixo a ser removido (KOSIK, 2003, pp. 189-199) e a figura, do *Schauspieler* (KOSIK, 2003, pp. 155-158). Outros aspectos representativos da moderna dominação planetária seriam: a perda de sentido e a ausência de valores, que se expressam na incapacidade de distinguir o bem e o mal, a verdade da não verdade.

Kosik problematizaria igualmente, em seu artigo *Capital, Abelhas e Mendigos*, título que nos remete a Bernard Mandeville e John Gray, escritores do capitalismo nascente, os problemas decorrentes das transformações econômicas em curso nos países Tchecos. Analisando o conjunto de mudanças realizadas, Kosik faz as seguintes observações conclusivas:

A experiência de um decênio de “transformações econômicas” demonstra que a restauração do capitalismo não resolveu nenhum dos problemas substanciais de hoje, simplesmente os ofuscou e assim os remeteu, indiretamente, convidando o pensamento crítico a não duvidar, em se por ao trabalho. (KOSIK, 2000, p.12)

A obra de Karel Kosik, injustamente abandonada no mundo globalizado, representou, entretanto, mesmo no interior de seus limites, uma das grandes tentativas de elaborar um pensamento crítico que interrogasse as questões postas, e não resolvidas, pela história do século

²² Em 1975, após uma revista na casa de Kosik, a Polícia apreendeu os referidos manuscritos, “*Sobre a Verdade*” e “*Sobre a Prática*”. Na detalhada cronologia da vida Karel Kosik, que se encontra a disposição em: <http://volny.cz/enelen/kkosik/bio.html>, faz referência também a apreensão, ao lado daqueles escritos, igualmente um outro dedicado ao “*Supercapital*”.

²³ Para maiores informações sobre este trabalho e as razões para a sua dedicação exclusiva a filosofia cf. KOSIK, 1993, p. 58s.

²⁴ A única coletânea, em língua ocidental, dos artigos de Kosik publicados nos últimos quinze anos de sua vida foram reunidos em: Karel Kosik. *La Crise des Temps Modernes. 2003*, prefaciado por Michel Löwy e Horacio Tarcus. Do conjunto desta obra tardia se encontra traduzido para o português apenas: Karel Kosik, O Século de Grete Samsa, em *Matraga*, Revista do Instituto de Letras da UERJ, nº 9, Rio de Janeiro: 1995. (Tradução de Leandro Konder). Para uma análise em conjunto da obra de Kosik, cf. Nestor Kohan, La filosofia militante de Karel Kosik, em *Utopia y Práxis Latinoamericana*, Revista Internacional de Filosofía Iberoamericana y Teoría Social, Maracaíbo, n. 27, 2004, pp. 87-95.

XX. Dentre elas, uma das mais candentes, a impossibilidade da resolução das contradições históricas de nosso tempo e a incapacidade de ir além do “paradigma histórico dominante”.

REFERÊNCIAS

- AMASON, P. *Perspectivas e problemas do marxismo crítico no Leste europeu*. In HOBBSBAWM, Eric J. *História do Marxismo* Vol. XI, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- BUJARIN, Nicolai I. *Teoria del Materialismo Histórico*, 2 ed. Madri: Siglo XXI, 1974.
- KOLAKOWSKI, Leszek. *Glówny Nurty Marksizmu*, Vol. III: Rozkład, Varsóvia: Krag – Pokolenie, 1988.
- KOSIK, Karel. 'Individu et l'histoire, em Karel Kosik, *La Crise des Temps Modernes*. Paris: Les Éditions de la Passion, 2003.
- _____. “Je suis mort, et em meme temps, je vis ...”, em Karel Kosik, *La Crise des Temps Modernes*. Paris: Les Éditions de la Passion, 2003.
- _____. Sept escales d'automne, em Karel Kosik, *La Crise des Temps Modernes*. Paris: Les Éditions de la Passion, 2003.
- _____. Gramsci et la philosophie de la “práxis”, In KOSIK, Karel. *La Crise des Temps Modernes* Dialectique de la Morale, Paris: Les Éditions de la Passion, 2003.
- _____. Capitali, Api e Mendicanti, em *Il Manifesto*, Milano, 15-16 de julho 2000.
- _____. *Dialética do Concreto*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- _____. Filosofia y política: diálogo con Fernando de Valenzuela, em *Claves de razón práctica*, nº 34, 1993.
- _____. La ragione e la storia em *Aut Aut* Rivista Bimestrale di Filosofia e di Cultura, Milão: setembro, 1964.
- _____. O Homem e a Filosofia, em Erich Fromm (org.), *Humanismo Socialista*, Lisboa: Edições 70, s.d
- LABICA, Georges. *Dopo Il marxismo-leninismo* (tra ieri e domani), Roma: Edizioni Associate, 1991.
- LABRIOLA, Antonio. A propósito della crisi del marxismo. In LABRIOLA, Antonio. *Saggi sul materialismo storico*, 3 ed., Roma: Riuniti, 1977.
- LIEHM, Liehm. Entretien avec Karel Kosik, em Antonin Liehm, *Trois generations* Entretiens sur le phénomène culturel tchécoslovaque, Paris: Gallimard, 1970.
- LÖWY, Michel e TARCUS, Horacio. Karel Kosik, philosophe critique (1926-2003), In KOSIK, Karel. *La Crise des Temps Modernes* Dialectique de la Morale, Paris: Les Éditions de la Passion, 2003.
- LUKÁCS, György. *Wprowadzenie do Ontologia bytu społecznego (Ontologia do ser social)*, Vol. I, Cap. I: Neopozytywizm i egzystencjalizm, p. 36-176, Warszawa: PWN, 1982.
- MÁRKUS, György. *Teoria do Conhecimento no Jovem Marx*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974: Discussões e Tendências na Filosofia Marxista.
- MAZZONE, Alessandro. Prefazione, em Nicola Simoni, *Tra Marx e Lenin* La discussione sul concetto di formazione econômico-sociale, Napoli: La Città del Sole.

NERI, Guido D. *Aporie della realizzazione* Filosofia e Ideologia nel socialismo reale, Milão: Feltrinelli, 1980.

_____. Karel Kosik Filosofia e política tra il 56 e il 68 cecoslovacco In NERI, Guido D. *Aporie della realizzazione*. Milão: Feltrinelli, 1980.

OCHOCKI, Kazimierz. *Radziecki Spory Filozoficzne*, Varsóvia: KAW, 1984.

RICHTA, Radovan. *La civilización en la encrucijada*, México: Siglo XXI, 1971.

STALIN, Josef. *Materialismo Dialético e Materialismo Histórico*, São Paulo: Global, s.d.

VIANA, Nildo. *O fim do marxismo e outros ensaios*. São Paulo: Giz editorial, 2007.

VRANICKI, Pedrag, *História del Marxismo*, Vol. 2, Salamanca: Sigueme, 1977.

ZANARDO, Aldo. La filosofia marxista in Cecoslovacchia negli anni 1945-1960, In ZANARDO, Aldo. *Filosofia e Socialismo*, Roma: Riuniti, 1974.

ZAPATA, René. *Luttes Philosophiques en U.R.S.S. 1922-1931*, Paris: PUF, 1983.

ZHDANOV, A. A. *Literatura y Filosofia a la luz del Marxismo*, Montevideu: Pueblos Unidos, 1948.

Recebido em 02 de setembro de 2012

Aprovado em 27 de outubro de 2012

